

Impresso  
na  
Câmara Legislativa  
do Distrito Federal

**DF**  
**LETRAS**

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

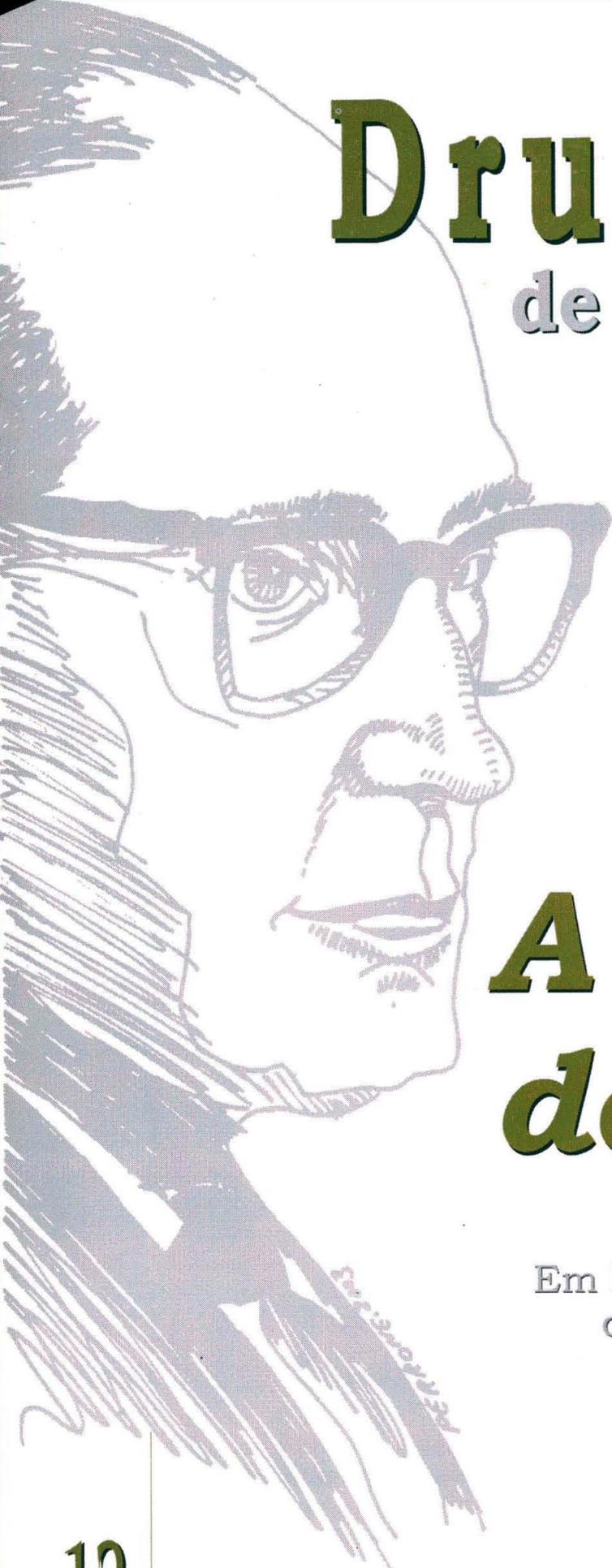
ANO VIII

Nº 97/102

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL



A obra inesquecível de  
**Raquel**  
de Queiroz



Carlos  
**Drummond**  
de Andrade

**Brasiliense que se preza ama a cidade em suas árvores tortas, tanto quanto no céu que nos protege e assusta, imenso. Cada um de nós carrega esse espaço em seu íntimo. O céu de Brasília, como se fosse um estigma. Faz parte de nossa formação como pessoa. Está em nós, sem que se pense como está em nós. Aparece.**

# ***A Poética da Busca***

□ MARCELO PERRONE

Em Homenagem ao Centenário de Nascimento do Poeta

Carlos Drummond de Andrade carrega em seu íntimo, indiferenciado de si mesmo, todo o seu estado, Minas Gerais. Assim são as pessoas. Carregam em seu íntimo as suas cidades, as suas pessoas, o seu próprio tempo. Podemos confirmá-lo em Ferreira Gullar e seu "Poema sujo":

# Mundo mundo vasto mundo Mais vasto É o meu coração



“O homem está na cidade  
como uma coisa está em outra  
e a cidade está no homem  
que está em outra cidade”.

Isto é igualmente demonstrado por João Cabral de  
Melo Neto, em seu poema “Habitar o tempo”, do livro  
*A educação pela pedra*:

“habitá-lo, na agulha de cada instante,  
em cada agulha instante: e habitar nele  
tudo o que habitar cede ao habitante.”

Drummond carrega Minas em si, e desse modo  
contamina a sua escrita, por ela nascer de sua alma,  
onde a mineirice aflora em tons indistigáveis, como  
marcas registradas de sua poética. Do volume  
*Drummond de Andrade poesia completa & prosa*,  
Editora Nova Aguilar, Série Brasileira, quarta edição,  
escolhemos alguns exemplos:

## *A rosa do povo*

“Uma rua começa em Itabira, que vai dar no meu  
coração.” (“América”, p.191)

## *Alguma poesia*

“A dois passos da cidade importante  
a cidadezinha está calada, entrevada.  
(Atrás daquele morro, com vergonha do trem.)

Só as igrejas  
Só as torres pontudas das igrejas  
Não brincam de esconder.”  
(“Lanterna mágica” – II/Sabará, p.57)

“Na cidade toda de ferro  
as ferraduras batem como sinos.”  
(“Lanterna mágica” – IV/Itabira, p.58)

“Casas entre bananeiras  
mulheres entre laranjeiras  
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.  
Um cachorro vai devagar.  
Um burro vai devagar.

Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.”  
(“Cidadezinha qualquer”, p.67)

## *Sentimento do mundo*

“Alguns anos vivi em Itabira.  
Principalmente nasci em Itabira.  
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.  
Noventa por cento de ferro nas calçadas.  
Oitenta por cento de ferro nas almas.”  
(“Confidência do itabirano”, p.102/103)

Muitos estudos já foram realizados sobre a obra literária de Carlos Drummond de Andrade. Tantos aspectos abordados, filigranas de seu estilo e de sua capacidade expressiva. No entanto, esse mineiro de Itabira do Mato Dentro, estado de Minas Gerais, parece inesgotável em proporcionar novas descobertas. Tudo que já se disse é pouco, diante dele. Mesmo aqueles aspectos já visitados em outros estudos não bastam para esgotá-lo. Curiosamente, podemos voltar a qualquer um deles sem que sejamos, necessariamente, repetitivos. Nosso foco será o de sua poesia, apesar do fato de Drummond poder contar com investidas e realizações em diversos gêneros literários.

O presente estudo, longe de qualquer pressuposto de ser um novo enfoque de sua obra, é simplesmente a constatação de alguns pontos que consideramos capitais na compreensão do universo drummondiano, quais sejam, em primeiro lugar, a sua capacidade de, pela condição de nascimento, educação e formação humana (a sua mineirice), atingir a universalidade literária requerida pelas grandes obras e, em segundo, a busca de humanidade, que ele magistralmente provoca nos seus leitores, por meio da intencionalidade social e humana.

Já por diversas vezes temos lido acerca de Drummond que sua obra se distingue pela *secura*: timidez e recato de um mineiro puro. Talvez. Aos meus olhos essa *secura* nada mais é que um disfarce.

Verdadeiramente, não há *secura* alguma em Drummond, mas somente o disfarce de sua necessidade imensa de humanidade, que no mais das vezes identifica como amor. Sua *verdura* prevalece, escapa pelas frestas de sua obra, entre os versos de quase todos os poemas. Vejamos, em sua obra, alguns elementos que demonstram isso:

#### *Alguma poesia*

"Os que amam sem amor  
não terão o reino dos céus."  
(*"Epigrama para Emílio Moura"*, p.73)

#### *Brejo das almas*

"Amor, a quanto me obrigas,  
De dorso curvo e olhar aceso,  
trote as avenidas neutras  
atrás da sombra que me inculcas."  
(*"O procurador do amor"*, p.90/91)

"O amor bate na porta  
o amor bate na aorta,

fui abrir e me constipei.  
Cardíaco e melancólico,  
O amor ronca na horta  
Entre pés de laranja  
Entre uvas meio verdes  
E desejos já maduros.  
(*"O amor bate na aorta"*, p.85/86)

#### *Sentimento do mundo*

"Itabira é apenas uma fotografia na parede.  
Mas como dói!"  
(*"Confidência do itabirano"*, p.102/103)

#### *José*

"Se você gritasse,  
se você gemesse,  
se você tocasse  
a valsa vienense,  
se você dormisse,  
se você cansasse,  
se você morresse...  
mas você não morre,  
você é duro, José!"  
(*"José"*, p.130)

**"Na cidade  
toda de ferro as ferraduras  
batem como sinos."**



Drummond utiliza como ferramenta de sua busca de humanidade a subversão da ordem natural das coisas. O que destoa aos olhos de quem lê, destaca-se como intrigante e inusitado e reafirma em nós a nossa condição de indivíduos diferenciados pela vivência íntima:

*Alguma poesia*

"A mão que escreve este poema não sabe que está escrevendo mas é possível que se soubesse nem ligasse."

("Poema que aconteceu", p.63)

"(a vida para mim é vontade de morrer)"

("Coração numeroso", p.65)

"Meus olhos espiam a rua que passa."

("Moça e soldado", p.70)

*Brejo das almas*

"Propõe isso a teu vizinho, ao condutor do teu bonde, a todas as criaturas que são inúteis e existem, propõe ao homem de óculos e à mulher da trouxa de roupa. Dize a todos: Meus irmãos, Não quereis ser pornográficos?"

("Em face dos últimos acontecimentos", p.90)

*José*

"Minha mão está suja.

Preciso cortá-la.

Não adianta lavar.

A água está podre.

Nem ensaboar.

O sabão é ruim.

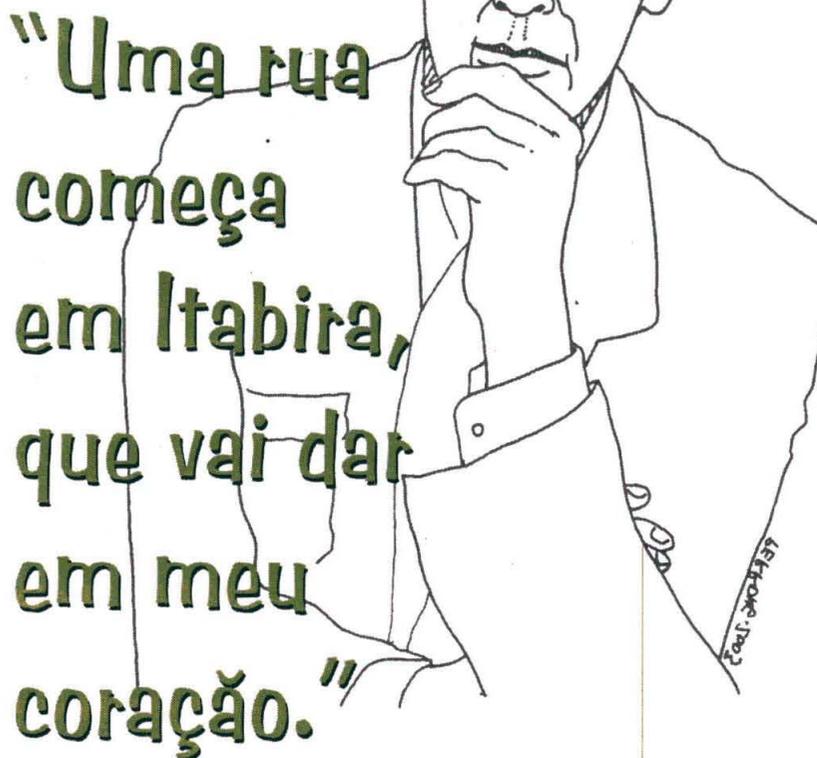
A mão está suja,

suja há muitos anos."

("A mão suja", p.130)

Um fato que sempre nos chamou a atenção, em se tratando da poética de Drummond, é que por mais que mudasse e evoluísse em sua poesia, ele manteve, todo o tempo, a mesma maturidade e lucidez, o mesmo estilo diferenciado, único, como se, realmente, o tempo não pudesse alcançá-lo.

Assim, mais do que um poeta que exprime o que



"Uma rua  
começa  
em Itabira,  
que vai dar  
em meu  
coração."

pensa, como pensa, temos em Drummond um raro exemplo de autor que busca nas possibilidades criativas, além dos recursos próprios da língua, aqueles elementos que valorizam a sua forma de expressar, de modo a obter maior profundidade e beleza em seus textos, que falam do mundo, dos homens e das coisas, dentro e fora deles. E com que humildade conseguia olhar para si mesmo, diante de sua própria busca:

*Claro enigma*

"Não amei bastante meu semelhante,

.....

Só proferi algumas palavras

.....

Não amei bastante sequer a mim mesmo,

("Confissão", p.236/237)

Marcelo Perrone Campos é funcionário da Câmara Legislativa do Distrito Federal, artista plástico, ilustrador, poeta e prosador. Nasceu em Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro, e vive em Brasília desde 1963.